

O PL e a eleição presidencial

23 MAI 1969

ROQUE SPENCER MACIEL DE BARROS

Em entrevista concedida há mais de um mês ao Jornal da Tarde, o candidato presidencial do Partido Liberal, deputado Guilherme Afif Domingos, fez, entre várias outras afirmações, duas que nos mereceram especial atenção, uma pela sua pertinência e outra que estaria, a nosso ver, necessitando de uma retificação, para o bem do próprio PL. Começemos por esta, com a qual gastaremos menos espaço.



ESTADO DE SÃO PAULO

Diz ele que, exceção de seu próprio partido, "o PT é o único partido novo. Isso porque a estrutura ética do PT é muito séria e moderna. Por outro lado, o PT é ultrapassado doutrinariamente". Deixemos de parte a expressão "doutrinariamente ultrapassado", já que, no plano dos valores, em que se fundam as doutrinas ou ideais político-sociais, o conceito de ultrapassado é muito pouco rigoroso, pressunpondo uma espécie de "finalismo histórico", muito ao gosto, aliás, das ideologias, as quais não são, propriamente, "ultrapassadas", mas falsas, porque suas afirmações não correspondem à realidade, à medida que esta pode ser razoavelmente conhecida, o suficiente, ao menos, para refutar as previsões e as predições ideológicas.

O mais preocupante na afirmação, todavia, está na comparação entre o PT e o PL, considerados ambos como "partidos novos", comparação que nos parece balda de sentido, se tivermos em mente que o PT, ao menos no que diz respeito a aspectos fundamentais de sua concepção e orientação geral, se encaixa na espécie "partido totalitário". Nesse sentido, parece-nos inadequada e perigosa qualquer comparação entre ele e o PL, que, pretendendo ser liberal, só pode ser um partido aberto, sem sectarismos e dogmatismos; exatamente o contrário do PT. Seria mais feliz o deputado liberal se dissesse que o PL e o PT são diferentes dos demais porque são par-

tidos — e não meramente amonoados fisiológicos, sem rosto definido e flutuando ao sabor de momentâneas ambições personalistas. Excluído esse dado, entretanto, nada deverá ser tão diferente do PT quanto o PL, já que o primeiro é um partido eminentemente ideológico — baseado, portanto, numa Weltanschauung não ultrapassada, mas fatja —, enquanto o segundo, acreditamos, deve ser um partido de idéias, tendo, sempre presente que o triunfo das idéias representa o fim da ideologia e o triunfo desta o fim das ideologias.

A outra afirmação que queremos ressaltar resume, a nosso ver, consentaneamente com o espírito liberal, o que poderíamos qualificar, senão de um programa, ao menos de fundamento para um programa. Na linha consagrada pelos liberais modernos que, à maneira de Wilhelm Röpke, distinguem as "intervencções conformes" e as "intervencções desconformes" do Estado (e é sempre bom lembrar que foi nas idéias do Röpke que Ludwig Ehrhard se inspirou para desencadear, obviamente que com o auxílio do Plano Marshall, a escalada ascensional da Alemanha Ocidental), o sr. Afif Domingos insiste em que o Estado "deve intervir na economia quando a regra de mercado estiver sendo subvertida. Hoje, acontece o contrário. O Estado privilegia as reservas de mercado, os cartéis e os monopólios, onde estão encastelados os amigos do rei. Essa, na verdade, foi uma opção de desenvolvimento em que se atende à clientela. A corrupção no Brasil é efeito e não causa. A causa é o Estado cartorial, clientelista, que gera o nepotismo, filiotismo e assistencialismo, fazendo do desenvolvimento algo para alguns, à custa de todos". Urge, pois, tirar o peso do Estado das costas da sociedade e proceder de forma a valorizar ao máximo as iniciativas individuais e de grupos. O Estado, ao menos no Brasil atual, deveria concentrar-se fundamentalmente nas tarefas relativas à segurança, à administração da justiça, ao saneamento básico, à saúde e ao ensino (sem pretender monopolizar os dois últimos) e a pouca coisa mais, na área de prestação de serviços; funcionando, em geral, como um estimulador e orientador e

não como "produtor", deixando de ser o grande parasita que se apropria, de resto, do que é produzido pela Nação.

Se deixarmos de parte alguns políticos à caça de partidos para candidatar-se, outros que já deram o que poderiam dar (será que para o "bem da Nação" ou para o seu próprio?), bem como outros cujas idéias são uma incógnita e cuja fortuna política se vem fazendo apenas pela sistemática e ininterrupta vituperação contra o governo Sarney, o que nos resta, no quadro político nacional? De uma parte, populistas e ideólogos (estes no PT e espalhados por diferentes legendas) que, declarando-o ou não, querem "mais Estado", absorvendo dia a dia as forças e o trabalho da sociedade civil; de outra, os liberais, que o PL até agora, por pequeno que seja, parece representar forma razoavelmente coerente e conseqüente (embora haja liberais em outros partidos, os quais, acreditamos, deveriam estar engrossando as fileiras do Partido Liberal) e que prega a libertação da sociedade da escravidão a que está submetida pelo aparelho estatal que lhe suga as energias. E que pretende inverter o sentido do nosso processo político, de modo que em lugar de a sociedade existir para o Estado, este, reduzido ao essencial, exista para a sociedade e efetivamente a sirva.

Uma vitória hipotética dos liberais no pleito presidencial não significaria, obviamente, a solução dos nossos múltiplos problemas, que se vêm acumulando há décadas. Seria, contudo, a indicação de que estaríamos no caminho certo para equacioná-los adequadamente.

Entretanto, mesmo que muita água vá rolar até as eleições de novembro, as prévias eleitorais nos estão mostrando que o nosso eleitorado ainda não aprendeu a lição que os países desenvolvidos, bem como os que se estão rapidamente desenvolvendo, nos oferecem de graça e que a grande maioria dos nossos líderes políticos, movida pela pura vontade de poder, faz questão de ignorar e escamotear.